

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o sacrifício**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Ubu editora, 2017. 144 pp.

Gilmara Gomes da Silva Sarmiento¹

Sobre o Sacrifício, publicado originalmente sob o título *Essai sur la nature et la fonction du sacrifice*, em 1899, no *L'Année Sociologique*, de autoria de Marcel Mauss e Henri Hubert, resulta da crítica às teses elaboradas por autores anglo-saxões, especialmente Robertson Smith, Taylor e Frazer, precursores no estudo sobre o fenômeno sacrificial. Reconhecendo a importância dos antecessores, mas em desacordo com suas premissas, Mauss e Hubert propõem construir uma teoria diferenciada, em que os sacrifícios não fossem reduzidos a meras descrições de práticas religiosas anacrônicas, mas compreendidos naqueles aspectos em que tais fenômenos conferem sentido e coerência à vida social. Sendo assim, o diálogo travado com a literatura anglo-saxã, característica marcante neste trabalho, é o ponto de partida para os autores consolidarem as hipóteses que estavam sendo produzidas no campo intelectual francês.

Poucos anos antes da publicação desse trabalho, Émile Durkheim havia publicado as *Regras do Método Sociológico* (1895), onde explicita o paradigma teórico-metodológico da recém-criada ciência da sociedade. Nas primeiras páginas de *Sobre o Sacrifício*, as premissas desse modelo sociológico se tornam evidentes na definição do objetivo do estudo: "a natureza e a função social do sacrifício" (p.7). Ao se debruçarem sobre este empreendimento, tratar o sacrifício como um fato social, os autores fornecem uma contribuição importante no sentido de definir os sacrifícios como fenômenos dignos de serem estudados não pelo seu exotismo, mas pelo conteúdo social que essas práticas religiosas encarnam. Nesse aspecto, os autores delimitam uma diferença importante em relação ao campo intelectual inglês.

A obra pode ser entendida como um esforço de explicação racional do fenômeno religioso, no caso o sacrifício, que pudesse superar certo *sensu comum* acadêmico da época e explicações equivocadas, consolidando-o como uma temática de estudos da recém-criada Ciência Social. Dessa ótica, o texto advoga por uma interpretação mais abrangente do fenômeno sacrificial com o intuito de capturá-lo em sua generalidade e elementaridade, empreendimento que os autores realizam através da análise de duas fontes primárias, o Pentateuco e os textos Sânscritos.

¹ Doutora em Ciências Sociais, Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras (PPGSOF/UFRR).

Ao comparar duas lógicas religiosas diametralmente opostas através desses registros em primeira mão, os autores desconstruem algumas das principais teses em voga na época, como desenvolvida por Smith sobre a origem e evolução dos ritos sacrificiais. Os ritos antigos, judaicos e védicos, analisados por Mauss e Hubert contradizem a narrativa reducionista do sacrifício como um processo evolutivo na direção da forma simples às complexas, ou do totemismo à comunhão cristã, como afirmam. Para os autores, esse tipo de teoria reduziria as formas diversificadas de sacrifício à unidade de um princípio arbitrariamente escolhido: o totemismo. Este princípio tomado como universalidade seria, pois, um postulado de difícil confirmação, pois em estado puro apareceria apenas em algumas tribos australianas e da América.

Para Mauss e Hubert, a complexidade dos ritos sacrificiais é uma característica intrínseca desses fenômenos e não está relacionada a nenhuma ordem cronológica, mas ao fato de que um único sacrifício pode, por um lado, estar dirigido a satisfazer múltiplas finalidades ou, por outro, mobilizar várias forças sociais para atingir uma única finalidade. Ou seja, “não há rito particular que não seja complexo nele mesmo” (p. 75).

Partindo desse princípio, o discurso do anacronismo sacrificial, a ênfase dada às idiosincrasias desses rituais, a catalogação de diferentes formas de sacrifício e descrição de suas peculiaridades, teriam pouca relevância para compreender a *unidade do sistema sacrificial*, isto é, aquele aspecto elementar comum à diversidade de sacrifícios, observável no tempo e no espaço, que determinaria a natureza eminentemente social desse fenômeno.

A partir disso formulam o que concebem como a função primordial do sacrifício, a saber, a sua propriedade comunicativa que se refere ao ato de conectar o profano ao sagrado, por intermédio de uma vítima. Nos termos de Mauss e Hubert, essa noção religiosa, que perpassa todos os ritos sacrificiais, pelo simples fato de ser objeto de crença, ganharia existência objetiva: “as coisas sagradas em relação às quais funciona o sacrifício são coisas sociais. E isso basta para explicar o sacrifício” (p. 79). Sendo assim, afirmações sobre um caráter supersticioso ou ilusório dessas práticas seriam infrutíferas para a compreensão desse fenômeno social.

Embora tenha resultado de um debate marcado pelo contexto social e político francês e das divergências intelectuais entre duas escolas de pensamento europeias, no final do século XIX, o livro

de Mauss e Hubert continua sendo uma leitura obrigatória no âmbito das Ciências Humanas e Sociais (Ciências da Religião, Sociologia da religião, antropologia, etc.) especialmente, mas não exclusivamente, para aqueles que se dedicam a investigar o fenômeno religioso contemporâneo. Apesar dos argumentos a favor da secularização da sociedade, concebidos nos marcos da modernidade ocidental, assistimos não só uma efervescência do religioso, como a permanência de ritos sacrificiais “antigos”, realizados em certas tradições religiosas como a islâmica e em religiões de matriz africana (no Brasil), por exemplo, bem como a atualização daqueles “antigos” ritos presente em rituais católicos e mesmo judaicos.

Considerando que a esfera religiosa não deixou de ter centralidade no mundo contemporâneo, e cujas crenças e práticas relacionadas, que são expressões do social, não estão dadas *à priori*, esses fenômenos continuam sendo objetos de apreensão e análise sociológica, aspecto que confere atualidade ao ensaio de Mauss e Hubert.

Nas cinco unidades que compõem este ensaio, o leitor encontrará chaves de leitura interessantes sobre os rituais religiosos. Na unidade 1, intitulada “Definição e unidade do sistema sacrificial”, os autores se ocupam dos fatos e categorias articuladas no contexto dos ritos sacrificiais que explicitam e lhe conferem unidade. Nesse sentido, a consagração aparece como elemento central desses ritos. Todo sacrifício implica alguma forma consagração, ainda que a transcenda. No sacrifício, os efeitos da consagração extrapolam a coisa consagrada, pois por meio dela, o consagrante, que pode ser uma pessoa ou coletividade, passa a adquirir um caráter religioso (entra em estado de graça) ou se liberar de um caráter desfavorável (deixa estado de pecado). “A consagração sacrificial atinge de diferentes modos os integrantes da comunidade moral e os transforma” (p. 13).

Na unidade 2, “O esquema do sacrifício”, os autores descrevem o mecanismo básico dos sacrifícios dissimulado na diversidade das formas assumidas por esses ritos no tempo e no espaço. Ou seja, o caráter social do sacrifício representado por um esquema sacrificial concebido como zona de inserção entre mundos completamente diferentes: o hindu, o semítico, o grego e o romano. O capítulo caracteriza-se por uma descrição detalhada sobre os elementos considerados imprescindíveis para a consecução dos sacrifícios e a forma como esses diferentes elementos (pessoas, objetos e lugares) se articulam. Ou seja, como

o sacrificante, o sacrificador, o lugar, e os instrumentos são mobilizados frente às forças simbólicas e sociais em jogo.

Nas unidades 3 e 4, os autores argumentam que os sacrifícios variam conforme suas funções gerais ou específicas, as quais são passíveis de serem verificadas. Alguns sacrifícios atendem às prescrições ditadas pelas religiões, outros derivam dessas prescrições gerais, mas estão referidos às demandas particulares. Há sacrifícios que todos os fiéis de determinada religião estão obrigados a cumprir sob pena de perder sua conexão com a divindade; outros sacrifícios, entretanto, atendem às necessidades específicas de conexão de determinada pessoa ou coletividade (o sacrificante) em face de um tipo de uma necessidade particular, de consagração ou expiação, que não abrange o restante da comunidade moral. Assim como os sacrifícios possuem a mesma finalidade, afetar o estado do sacrificante ou objeto sacrificado, independente de suas variações, um mesmo mecanismo sacrificial pode satisfazer também necessidades religiosas extremamente distintas.

Na unidade 5, os autores discutem o que eles denominam de as "formas mais acabadas da evolução histórica do sistema sacrificial" (p. 63). Trata-se da conversão do sacrifício mediado por uma vítima consagrada (objeto, animal ou pessoa), ao sacrifício da pessoa do próprio Deus (de uma pessoa divina), como ocorre no rito da comunhão católica. Da ótica dos autores, essa conversão que possibilitou desenvolver uma "simbólica divina" a partir da qual se conforma as práticas religiosas que perduram no tempo, não seria possível sem uma conexão com os ritos sacrificiais agrários. Ou seja, esses ritos forneceram os antecedentes para a formulação da mística religiosa, pois a figura do cordeiro pascal, a vítima mais comum dos sacrifícios pastoris, passou a designar também o próprio Cristo (o Deus) que, em seu ato de suprema abnegação sacrificial, se imola para expiar os pecados dos homens.

Para Mauss e Hubert, a mística do *cordeiro imolado* é a mais alta expressão do sacrifício, pois este se consubstancia na figura do próprio Deus que oferece seu corpo e sangue a cada ritual para redimir os pecados e restabelecer a comunhão (comunicação) com os homens. Nesse aspecto, os autores desenvolvem argumentos suficientes para problematizar a validade da retórica da eliminação do sacrifício de uma vítima, nos ritos sacrificiais, como argumento para reivindicar certa hegemonia religiosa, superioridade e/ou atualidade das religiões ocidentais quando

comparadas a outros universos religiosos concebidos como *lócus* de “excentricidade”, de arcaísmos e atraso.

Em suma, as contribuições encontradas nas páginas do ensaio elaborado por Mauss e Hubert são bastante diversas e paradigmáticas e impossíveis de serem abordadas em sua completude nos limites deste trabalho. No entanto, cabe ressaltar que ao analisar uma série de ritos sacrificiais elaborados por sociedades cujas lógicas religiosas eram radicalmente distintas, esses autores puderam não só problematizar os limites teóricos dos trabalhos antecedentes, mas, sobretudo, mostrar a centralidade sociológica dos sacrifícios. A saber, são ritos religiosos que abarcam uma diversidade de práticas complexas por natureza, cujas finalidades também são múltiplas e mobilizam inúmeras forças sociais. Esses aspectos inerentes aos ritos sacrificiais podem, portanto, ser observados em maior ou menor grau em qualquer tradição religiosa e são os elementos que conferem a sua unidade no tempo e espaço determinando o caráter eminentemente social desses ritos.

E essas não são as únicas razões que fazem da noção de sacrifício uma categoria importante para a sociologia, assevera os autores. O fato de terem observado uma enorme quantidade de crenças e práticas sociais não propriamente religiosas imbricadas nesses sacrifícios faz desses ritos um campo importante para entender fenômenos sociais. Portanto, ao tratar esses ritos, “falamos sucessivamente do contrato, da remissão, da abnegação, das ideias relativas à alma e à imortalidade que ainda são a base da moral comum” (p. 81) e, portanto, é conferida centralidade e atualidade aos estudos desse fenômeno.